

Invasão no Guará II é demolida

Ronaldo de Oliveira



Policiais não usaram violência para esvaziar barracos, mas invasores não pouparam críticas ao governo. Alguns prometem ficar no local até receber lote

Sob a proteção de 142 PMs e o comando da Administração Regional, tratores derrubam 140 barracos construídos atrás da QE 38

Beth Veloso
Da equipe do Correio

Em poucos minutos, pedaços de madeira, de telha e de ferro eram destruídos pelas pás gigantes de dois tratores. Cerca de 140 barracos foram derrubados ontem na invasão que fica atrás da QE 38 do Guará II, conhecida como Invasão da Lagoa de Oxidação. A operação teve o apoio de 142 policiais militares e durou todo o dia. Algumas mulheres resistiram e foram retiradas dos barracos pelos policiais, porém sem violência.

Um invasor protestou com aplausos, gritos e xingamentos contra o governo. Foi detido, mas solto em seguida. Três outras pessoas se sentiram mal e foram atendidas por uma ambulância do Corpo de Bombeiros, que estava no local.

Os invasores foram avisados, há mais de uma semana, que os barracos seriam demolidos. "Nós vamos acabar com as invasões profissionais estimuladas por gente como o Chico Piauí e o Chico Dorion", diz o administrador do Guará em exercício, Antônio Rezende.

O Centro de Desenvolvimento Social (CDS) cadastrou, com antecedência, 136 famílias que moravam na invasão. "Tem muita gente aqui que não tem família. Vive de catar ferro, alumínio e entulho", afirma o auxiliar social Adair Soares, do CDS. "Mas também tem muita gente que constrói o barraco e tranca, só para garantir um lote", acrescenta.

PASSAGEM

O CDS vai pagar passagens para as famílias que quiserem retornar ao estado de origem. Também ofereceu aos invasores alojamento no Centro de Apoio Social (CAS), albergue do governo que fica em Taguatinga, ou o pagamento de aluguel durante dois meses. Muitas famílias com crianças foram para o albergue. Outros foram levados para a casa de parentes. Mas alguns resistiram. Vão passar a noite sob lençóis ou lonas pretas, sem água ou comida.

"Enquanto não derem um lugar para a gente ir, vamos permanecer aqui. Ficar até morrer", desafia Jaqueline Alves de Oliveira, 26 anos, diarista e mãe de Juliana, cinco meses de vida. Jaqueline diz que mora há quatro anos na invasão com a mãe, que tem câncer. Teve o barraco derrubado pela quarta vez.

Os invasores reclamam que se inscreveram várias vezes na administração, mas que nunca tiveram direito a um lote. Queixam-se também de nunca terem sido atendidos pelo administrador do Guará, Alírio Neto.

"Nós temos 80 mil pessoas cadastradas no Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal, antiga Shis) para receber lote. Por que vamos deixar a senhora invadir?", perguntou um fiscal da Administração a uma senhora que não queria abandonar o barraco. Para evitar que os barracos voltem a ser erguidos, fiscais vão vigiar a área, com escolta da polícia.

"Amanhã (hoje) já vai ter gente construindo aqui", prevê Sérgio Paulo, encarregado da área de fiscalização da Administração do Guará. "É um problema muito sério. Nesse país, tem muita terra para pouca gente e pouca terra para muita gente", filosofa.

CONSELHO INÚTIL

O deputado distrital José Edmar, do PMDB, tentou impedir a remoção, incitando as famílias, aos berros, a colocar crianças no telhado dos barracos que seriam derrubados. Nenhum invasor aceitou o conselho. Com medo de retaliação por parte das famílias, o operador de um dos tratores parou a derrubada e foi embora. Teve que ser substituído.

Muitos moradores da QE 38 apoiaram a retirada da invasão. "Eu sei que é um problema social, mas aí tem boca de fumo, tiro e lixo para todo lado", opina a dona-de-casa Lucileide Patury, que mora em frente à invasão. Nos fundos da casa dela, existe a invasão do Conjunto A, onde 14 famílias terão direito a lotes numa área de expansão do Recanto das Emas, para onde o governo também pretende levar os invasores da Estrutural. Segundo o administrador, essas 14 famílias estão no local há mais de seis anos.

A operação continuará hoje com a remoção de móveis e utensílios, que serão recolhidos ao depósito da Administração do Guará até que invasor tenha para onde ir. O que restou dos barracos será queimado. Antônio Rezende disse que parte da área será destinada a assentar famílias cadastradas pelo Idhab. O local onde era a Lagoa de Oxidação (tratamento de esgoto), que foi aterrada, será mantido como área de controle ambiental.